

## OS MUNDOS DA GEOGRAFIA E DO HOMEM<sup>1</sup>

GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 33, n. 3, p. 589-590, set./dez. 2008.

Receber um livro novo é sempre muito bom. Mas receber um livro novo do professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro é uma felicitação especialmente gratificante. Pioneiro de vários estudos entre nós, como os estudos sobre clima urbano, análise rítmica, estudos geossistêmicos e da própria preocupação ambiental, erigiu sua carreira acadêmica de forma a sempre galgar novos degraus, suplantando desafios. Homem de cultura vasta e erudita, pôde, após sua aposentadoria prematura (em meados dos anos 1980), dedicar-se a outros campos da ciência geográfica e do pensamento humano, novamente sendo pioneiro. Ainda nos anos 1980, produz um dos primeiros estudos sobre Geografia e Literatura entre nós, enveredando para a interface Geografia-Arte-Filosofia. O caminho que o conduziu por esta senda foi o da reflexão epistemológica sobre os rumos da ciência geográfica e uma peculiar capacidade de compreender espaço-tempo de forma uníssona, acompanhando assim os desenvolvimentos históricos, econômicos e culturais, em diferentes escalas, ao mesmo tempo. Essa capacidade rara de traçar e compreender estes nexos permite ao autor tratar de questões tão específicas e gerais no mesmo movimento, em direção a uma perspectiva mais conjuntiva e holística da Geografia, da História, da Sociedade e da Natureza.

O livro que chega às mãos da comunidade geográfica neste ano, editado pela Edições Territorial, é um exemplo dessas contribuições seminais e dessa rara capacidade de falar de vários assuntos sem ser generalista ou superficial: Geografia sempre: o homem e seus mundos é um presente para os leitores brasileiros que podem fruir de oito ensaios recentes desse grande geógrafo e pensador.

O livro possui duas partes distintas, mas complementares. A primeira, "Conjecturas geográficas", reúne cinco capítulos escritos em diferentes circunstâncias mas que expressam as preocupações contemporâneas e epistemológicas de Monteiro. Os títulos já falam por si:

- "A Geografia Brasileira entre os séculos XX e XXI"
- "A Geografia sempre: o homem e seus mundos"

<sup>1</sup> MONTEIRO, Carlos A. F. Geografia sempre: o homem e seus mundos. Campinas: Edições Territorial, 2008. 255p.

- “Mudanças nas relações sociedade-natureza e seus reflexos na Geografia”
- “Da região ao geossistema. Geografia física e contemporaneidade”
- “A cidade como reflexo da relação homem-natureza. Limitações do planejamento”.

O tom do livro é o de uma egohistória, que resulta numa egogeografia contextualizada, já que o autor se coloca como observador e participante dos acontecimentos que narra, deixando claro para os leitores a posição a partir da qual a análise é realizada. Essa maturidade em se colocar como centro da narrativa permite que acompanhem sua trajetória ao mesmo tempo em que reconhecemos as limitações daquele ponto de vista em relação ao conjunto do movimento. Esse reconhecimento parte do próprio autor, que permite que os leitores façam suas leituras a partir de seus próprios pontos de vista.

Desse conjunto de capítulos, destaco o segundo, que deu nome ao próprio livro: “Geografia sempre: o homem e seus mundos”. Esse pode ser tomado como um texto exemplar de um autor singular. Monteiro, para compor seu argumento, recorre à Psicologia, à Psicanálise e à Filosofia, campos do saber que ele trafega com facilidade, incorporando elementos para produção de um conhecimento conjuntivo sobre o que pretende abordar. O tema é a multiplicidade de mundos (realidades parciais) vividos e experienciados pelo homem. O sentimento geográfico e o sentimento humano são um só quando pensados como essências da condição humana, o foco que Monteiro defende para a Geografia. Essa condição é expressa também pelo relacionamento homem-meio, e por isso a Geografia coloca nesse relacionamento o cerne de suas preocupações.

Cada um dos demais capítulos abordam essa relação de um ponto de vista, seja explorando o planejamento das cidades, as análises geossistêmicas ou as questões epistemológicas da ciência geográfica. Em cada capítulo, o leitor é levado a refletir junto como o autor sobre aspectos dessa essência geográfica, tocando em pontos cruciais para sua compreensão.

A segunda parte do livro, “Espaço geográfico e arte”, compõe-se de três ensaios nos quais Monteiro dialoga com três manifestações artísticas. A primeira é sua maior paixão, João Guimarães Rosa em “O diabo nas veredas mortas”, do Grande Sertão: Veredas. Participante assíduo da Semana Roseana, realizada anualmente em Codisburgo, MG, Monteiro aprofunda suas análises da obra máxima de Guimarães Rosa, provando que seu manancial está longe de secar.

O segundo texto explora uma vertente até agora pouco explorada por Monteiro, o diálogo com o cinema. Tomando como mote o documentário de José Rafael Mamigonian Seo Chico, um retrato, Monteiro procura um itinerário de diálogo com o filme e a Geografia. O mediador escolhido, como em muitas de suas análises recentes, é a filosofia, que a partir de Deleuze e Bergson, fornecem os elementos para a interpretação de uma filosofia geográfica do cinema.

Por fim, o último capítulo do livro, intitulado “A pintura de Miguel Dutra (1810-1875) e o significado geográfico num artista polidétrico de São Paulo do meado do século XIX”, traz aos leitores o flerte de Monteiro com a pintura que, se ainda não estava registrado num texto publicado, é expresso há tempos em suas conferências e aulas. Não é por uma simples questão epistemológica que Monteiro envereda pelas artes plásticas, mas é sobretudo por uma postura filosófica diante da manifestação artística e do mundo, a partir da qual o autor compõe uma visão una e conjuntiva. Esse texto é um belo ensaio geo-histórico que poderia ser incorporado à história da arte e inaugurar uma geografia da arte, que temos necessidade premente de compor.

O que mais chama atenção nesses ensaios é a leveza da escrita que consegue tocar pontos cruciais sem mistificá-los, tornando o diálogo entre Arte e Geografia algo natural, evidente, translúcido. Geografia sempre revela tanto o homem e seus mundos quanto os mundos da Geografia e do homem, erigindo nossas faculdades perceptivas. O grande mérito do livro e de seu autor é justamente exercer o diálogo de saberes de forma plena, procurando o conhecimento acima das paredes disciplinares. Assim, mesmo que Monteiro se esquivasse de rótulos para si e sua obra, como é natural dos grandes pensadores, este livro é de um grande humanista, valorizando e dando ênfase a tudo que é essencialmente humano.

EDUARDO MARANDOLA JR.